

## GRUPO DE ACOLHIMENTO DE PAIS DE BEBÊS INTERNADOS EM ENFERMARIA PEDIÁTRICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES E DIFICULDADES DE ATUAÇÃO

LUIZA SCHWANCK FERNANDES<sup>1</sup>; ALINE PEREIRA FERNANDES<sup>2</sup>; LAUREN  
PEREIRA CASTRO<sup>3</sup>; NICOLE RUAS GUARANY<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – luizaschwanck@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – aline-fernandes@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – laurencastro@hotmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – nicolerg.ufpel@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Vários estudos, demonstram que a internação em uma Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal (UTIN) deve ser considerada como um dos possíveis fatores de risco para o atraso no desenvolvimento, uma vez que a mesma se difere muito do ambiente intrauterino, apesar da tentativa de humanização da UTIN, este ambiente continua sendo incapaz de alcançar níveis adequados de estimulação. NICOLAU et al (2011), em seu estudo, constatou que a internação prolongada compromete o desenvolvimento neuropsicomotor em recém-nascidos pré-termo. Tal situação pode ser explicada por REICHERT, LINS e COLLET (2009, p. 201) pelo fato que “recém nascidos internados em UTIN são privados de estímulos sensoriais adequados, sofrendo hiperestimulação com o excesso de luzes, de alarmes, de ruídos intermitentes e de alta intensidade, o excesso de manuseio e de intervenções dolorosas”.

A UTIN objetiva dar assistência ao recém-nascido, desde o período do parto até o fim do período neonatal (quatro semanas de vida). Após esse período, os recém-nascidos que necessitam de atenção são transferidos para outra unidade, onde recebem assistência conforme os problemas mais importantes que sofrem. Esse espaço proporciona à família a possibilidade de estabelecer vínculo com seu bebê e a equipe que acompanha o caso mesmo em condições desfavoráveis. Ainda, caso esses bebês apresentem algum atraso no desenvolvimento neuropsicomotor são encaminhados para acompanhamento em ambulatório de segmento (RAMOS, 2002).

Segundo GONTIJO, et al. (2018) há uma taxa de evasão de 43,7% em programas de acompanhamento de desenvolvimento de bebês pré-termos, tendo como um dos motivos o desconhecimento da necessidade do acompanhamento ambulatorial, com isso percebe-se a importância do primeiro contato com a família, que ele seja esclarecedor sobre a importância desse acompanhamento. Contudo, segundo o autor precisam ser reforçados a importância da continuidade do seguimento com o serviço para que esses bebês não tenham um atraso nos marcos de desenvolvimento.

O PRO-CRESCER é um projeto de extensão que visa acompanhar o desenvolvimento neuropsicomotor do bebê prematuro de seu nascimento até os sete anos de idade. Uma de suas atividades é proporcionar conhecimento e informação às mães de bebês prematuros internados no Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas (HE-UFPEL), através de grupos, e convidá-los a participar das consultas ambulatoriais de seguimento após a alta.

BALBINO et.al (2015) defende que as dinâmicas em grupo são facilitadoras em relação a troca de experiências que elas podem proporcionar para aqueles que fazem parte dele, pois os participantes podem compartilhar suas histórias para os

outros e ficarem mais reconfortados por saberem que não são os únicos que estão passando por tal situação e que esse momento, por mais que seja um processo mais lento, pode ser superado com calma e segurança.

O presente estudo tem como objetivo descrever os grupos de acolhimento às famílias dos bebês internados realizados pela Terapia ocupacional, na Enfermaria Neopediátrica 240, onde eram criados grupos de convivência entre os familiares dos bebês que ali estavam internados.

## 2. METODOLOGIA

Estudo de caráter qualitativo descritivo. Fizeram parte deste estudo 40 mães que estavam internadas junto com seus bebês (prematurados ou não) na enfermaria de pré-alta da pediatria do HE-UFPEL no período de outubro de 2017 a julho de 2018. As atividades eram realizadas duas vezes por semana por alunas do Curso de Terapia Ocupacional da UFPEL. Todas as mães que estavam no quarto no momento de início do grupo eram convidadas a participar das atividades, a cada semana eram discutidos temas relacionados com o desenvolvimento do bebê e cuidados de saúde para mãe e o bebê. Ao final das atividades, as mães de bebês prematuros eram convidadas a dar continuidade às atividades no ambulatório de seguimento. Os dados foram analisados descritivamente a partir das anotações realizadas pelos alunos em todos os grupos realizados.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento foram realizados um total de quinze grupos de acolhimento no HE-UFPEL com as mais variadas temáticas.

Grande parte da amostra que participava dos grupos era composta pelas mães, poucos eram os pais e outros familiares que estavam no quarto com o bebê. Das quarenta mães que participaram dos grupos realizados em ambos os dias do projeto, trinta e três delas eram mães de bebês prematuros e dezesseis dos bebês estão em acompanhamento no Ambulatório de Neurodesenvolvimento da UFPEL.

Os grupos eram realizados com os pais de todos bebês internados na enfermaria, tinham como proposta uma dinâmica em roda para que fosse possível realizar uma conversa sobre orientações quanto aos cuidados com o bebê após a alta, sobre a amamentação, a importância da caderneta de saúde da criança, o método shantala, as fases do desenvolvimento motor, puerpério, *baby blues* e depressão pós parto.

Observou-se nos grupos que algumas mães se fizeram mais participativas demonstrando interesse nos assuntos abordados, desde o momento de chegada ao quarto até o momento de começar a abordagem, pois após a compreensão da importância do projeto e seu funcionamento tiveram iniciativa em expor dúvidas e vivências. Com as visitas semanais ao hospital, percebeu-se a importância do acolhimento aos pais/familiares dos bebês após o choque inicial, além da influência das questões reais da fragilidade do bebê, pode ser explicado pela intensificação do confronto entre o bebê imaginário e o bebê real, idealizado durante toda a gestação (FLECK & PICCININI, 2013).

Simplesmente permitir a presença física da família na unidade neonatal não significa a inclusão deles no processo de cuidar. VASCONCELOS, et al. (2008, p. 168) citam sobre a importância de estabelecer um vínculo terapêutico, para transmitir apoio, segurança e confiança, diminuindo o sofrimento vivenciado pela família nas situações de dificuldade, tendo assim uma troca de experiências no

contexto hospitalar. Sendo assim, reconhece-se a criação desses momentos para construção da participação efetiva das famílias no cuidado com os bebês prematuros e da importância do acompanhamento dessas crianças ao longo do tempo.

#### **4. CONCLUSÕES**

Com esse estudo foi possível notar a importância do acolhimento à mãe daquele bebê em um momento tão delicado e para algumas uma primeira experiência. Percebeu-se quanto o grande fluxo de profissionais, deslocando-se entre os quartos à todo momento, de uma certa forma, pode atrapalhar a criação de vínculo entre o bebê e sua família.

Contudo, foi possível notar que a partir dos grupos realizados a família percebeu a importância de realizar o acompanhamento do desenvolvimento neuropsicomotor do bebê, visto que o número de bebês em acompanhamento com o projeto é significativo. Dado que o HE é referência neonatal na região sul, muitos bebês eram naturais de outras cidades e a distância e a verba para retornar à Pelotas para o ambulatório de segmento demonstrou-se um empecilho.

Foram identificadas a necessidade de mudanças na construção das atividades de acolhimento, como fixar atividades semanais com temas diferentes, utilizando dinâmicas diversas e recursos físicos diferenciado para aproximar as famílias ao cuidado dos bebês preparando-os para a alta hospitalar.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALBINO F. S.; YAMANAKA C. I.; BALIEIRO M. M. F. G.; MANDETTA M. A. Grupo de apoio aos pais como uma experiência transformadora para a família em unidade neonatal. **Rev. Esc. Enferm. Anna Nery**;19(2):297-302, 2015.
- FLECK, A., & PICCININI, C. A. O bebê imaginário e o bebê real no contexto da prematuridade: do nascimento ao 3º mês após a alta. **Aletheia**, Canoas, v. 40, p. 14- 30, 2013.
- GONTIJO, M. L.; CARDOSO, A. A; DITTZB, E. S., et al. Evasão em ambulatório de seguimento do desenvolvimento de pré-termos: taxas e causas. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 26, n. 1, p. 73-83, 2018.
- JOAQUIM, R. H. V. T.; SILVESTRINI, M. S.; MARINI, B P. R. Grupo de mães de bebês prematuros hospitalizados: experiência de intervenção de Terapia Ocupacional no contexto hospitalar. **Cad. Ter. Ocup.** UFSCar, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 145-150, 2014.
- MOLINA R.C.M.; FONSECA E.L.; WAIDMAN M.A.P.; MARCON, S.S. A percepção da família sobre sua presença em uma unidade de terapia intensiva pediátrica e neonatal. **Rev. Esc. Enferm.**, USP; 43(3):627-34, 2009.
- NICOLAU, C. M.; COSTA, A. P.B. M.; HAZIME, H. O. et al Vera Lúcia Jornada Krebs. Desempenho motor em recém-nascidos pré-termo de alto risco. **Rev. Bras. Crescimento Desenvolv. Hum.**, vol.21, n.2, p. 327-334, 2011.
- RAMOS, J.L.A. Pediatria Neonatal: Metas e limites. In: MARCONDES, E. Pediatria Básica. São Paulo: Sarvier, 2002. Cap.1, p.251-252.
- ROSA, R. R.; GIL, M. E. Suporte psicológico aos pais na Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal: encontros possíveis e necessários. **Rev. SBPH**; vol.20, n.2, p. 123-135, 2017.
- VASCONCELOS, M. G. L. D.; FERREIRA, E. B.; SCOCHI, C. G. S. Vivência materna no grupo de apoio à mãe acompanhante de recém-nascidos pré-termo. **Rev. Min. Enferm.**;12(2): 167-172, abr./jun., 2008.